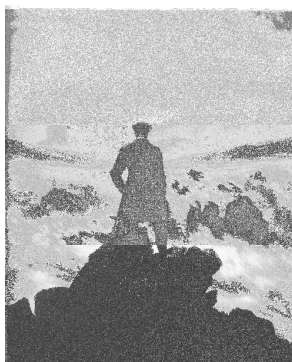


O IMAGINÁRIO RELIGIOSO E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA NAÇÃO

Leonardo Gonçalves de Alvarenga¹



“A razão e a ciência apenas unem os homens às coisas, mas o que une os homens entre si, no nível humilde das felicidades e penas cotidianas da espécie humana, é essa representação afetiva porque vivida, que constitui o império das imagens”². (Gilbert Durand)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendo fazer um recorte histórico da colonização inglesa, bem como os usos das imagens do céu ou paraíso³ para construção de uma nova identidade, feita pelos exilados e fugitivos da perseguição religiosa do século XVII, em diálogo com a “Teoria Geral do Imaginário” elaborada por Gilbert Durand.

As obras analisadas neste trabalho são basicamente duas: *Mil anos de Felicidade: uma história do paraíso*⁴, por Jean Delumeau, que trata do milenarismo⁵, sua história e

¹ Mestre em Ciências da Religião – UMESP; Vice-Diretor Geral e Coordenador Acadêmico na Faculdade Teológica Batista Sul-Mato-Grossense - Campo Grande – MS. alvarengalq2@gmail.com

² Citado por Maria Cecília Sanchez em “A dinâmica do imaginário e a trajetividade da cultura: re-significando o social”.

³ As imagens da qual me refiro não consiste em nada pitoresco, antes naquilo que mediante o que foi escrito, se passava na mente dos colonizadores ingleses.

⁴ DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade – uma história do paraíso*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

⁵ Para Delumeau o milenarismo não representa, no verdadeiro sentido do termo, a expectativa do ano 1000 ou do ano 2000, mas a de mil anos de felicidade terrestre, p. 11.



suas interpretações feitas por teólogos, leigos, homens e mulheres, padres e pastores, pequenas cidades e grandes nações e *As estruturas antropológicas do imaginário*, por Gilbert Durant⁶, uma crítica a desvalorização da imagem e do imaginário no pensamento ocidental, que considera a imaginação como “mestra do erro e da falsidade”.

1. MILENARISMO (IMAGINÁRIO) E PROGRESSO.

O milenarismo constata Jean Ségu⁷, apresenta-se na maioria das vezes “como um retorno a um modelo de princípio e um aperfeiçoamento dessa mesma matriz”. Por está intimamente relacionado “milenarismo e modernidade” ambos podem ser vistos sob a ótica do progresso. Delumeau afirma que o milenarismo tem seu nascimento nas religiões “que afirmaram a existência de um mundo auroral e perfeito tal como existia antes que o tempo o corroesse e a história o aviltasse”⁸.

Ao descrever a gênese e a transformação do milenarismo, Delumeau nos faz ver como essa expectativa formou parte fundamental do espírito moderno, laicizando e dando origem à idéia de “progresso social”, uma marcha gradual para felicidade. Segundo Delumeau, a modernidade trouxe mais explicitamente a noção de progresso que outros movimentos. Joaquim de Fiore, um dos maiores idealizadores do milenarismo, teve suas idéias repercutidas em Dante e em toda Europa, às vésperas da conquista do Novo Mundo. Sendo assim a Nova Terra Prometida, a América descoberta se liga intimamente à expectativa do milênio, e dá a seus colonizadores a visão do paraíso. Não obstante, os colonizadores levaram consigo um sonho não muito distante, de construir um novo mundo para si e um paraíso (para os eleitos).

2. A AMÉRICA DO NORTE, TERRA DE TODAS AS PROMESSAS (SÉCULOS XVII-XVIII).

⁶ DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁷ Citado por Jean Delumeau em “Mil anos de felicidade”, p. 11.

⁸ DELUMEAU, Jean. *Op cit*, p.17.



“O eterno revelou a seu filho bem-amado seus desígnios sobre a América: ele preparava para o gênero humano nessa parte do mundo uma renovação de existência. O homem, iluminando-se por luzes crescentes e jamais perdidas, devia reencontrar aquela sublimidade primeira da qual o pecado original o fizera descer; sublimidade que o espírito humano de novo podia alcançar, em virtude da redenção do mundo”.

Chateaubriand – em uma passagem dos Natchez.

A Inglaterra iniciou seu processo de expansão marítima no final do século XV, após a Guerra das Duas Rosas⁹, e com a ascensão da Dinastia Tudor, que centralizou o poder com Henrique VIII e deu início a formação do absolutismo, desenvolvendo assim uma política mercantilista. No entanto, as expedições que a princípio pretendiam encontrar uma passagem para o Oriente, não tiveram resultados efetivos, seja pelos conflitos com a Espanha, ou com os povos indígenas na América do Norte.

No século XVII a Inglaterra vivia uma conjuntura favorável à colonização. O comércio havia dado origem a uma burguesia enriquecida e dotado o país de uma grande frota, pois no século anterior, principalmente do reinado de Elizabeth I, o mercantilismo havia se imposto, utilizando-se inclusive das atividades dos corsários¹⁰. Do ponto de vista social, havia nas cidades inglesas uma grande massa de homens pobres, resultado do êxodo rural, provocado pelos “cercamentos”¹¹ e outra camada de origem burguesa, porém

⁹ A Guerra das Duas Rosas (1455-1485). O conflito entre as duas famílias tomou esse nome porque ambas tinham uma rosa no brasão de suas armas. Em pouco tempo, toda a nobreza do reino tomou partido. Durante trinta anos, as famílias se eliminaram nos campos de batalha. No final, as duas famílias chegaram a um acordo: Henrique Tudor, pretendente de Lancaster, casou com Isabel de York.

¹⁰ Os corsários eram aventureiros ingleses, franceses e holandeses, hostis aos espanhóis, que faziam a “guerra dos corsários” por ordem de seus governos e não para tirar proveito pessoal, acontecia, porém, às vezes, que um corsário se transformasse em pirata quando trabalhavam em proveito próprio, assaltando os mercantes e particularmente os galeões espanhóis, velejavam carregados de ouro e de mercadorias preciosas da América, voltando para Europa.

Fonte: <http://www.geocities.com/Area51/Atlantis/2970/link0052.htm>, acesso em 11/05/2004.

¹¹ Os cercamentos ou “enclousures”, na língua inglesa, consistiam na unificação dos lotes dos camponeses, até então dispersos em faixas pela propriedade senhorial (campos abertos), num só campo cercado por sebes e usado na criação intensiva de gado e de carneiros ou nas plantações que interessassem ao proprietário. Em sua perspectiva, o cercamento e as novas técnicas agrícolas promoviam o aumento da oferta de mercadorias que podiam ser vendidas a um melhor preço, beneficiando a nação. Essa prática era



que sofria com as perseguições religiosas. Parte desses dois grupos migraram para as colônias da América do Norte. Onde se veriam livre das perseguições e encontrariam sem sombra de dúvida um “descanso”. A América do Norte era a terra de todas as promessas: lá seriam livres, autônomos, construiriam o próprio governo, plantariam mais e poderiam cultuar livremente a Deus, sem a interferência da Igreja.

O governo absolutista na Inglaterra teve como um de seus mais importantes aliados a Igreja Anglicana, criada pelo próprio rei Henrique VIII no contexto da Reforma Protestante, reconhecida pelo Parlamento como Igreja Oficial do Estado através do Ato de Supremacia (1534). Durante a Idade Moderna as igrejas européias, não só a Anglicana, foram utilizadas como instrumentos de poder, e não só na Inglaterra. A característica marcante do ponto de vista religioso foi a intolerância, praticada por reis e clérigos: Assim como os protestantes eram perseguidos nos países católicos, esses eram perseguidos nos países protestantes. A imposição do poder absoluto inglês foi acompanhado da imposição da nova religião.

A situação de exploração e miséria, e de imposições político-religiosas determinou o início de uma grande rebelião em 1641, violentamente reprimida pelas tropas de Oliver Cromwell, líder da Revolução Puritana, fanático calvinista que havia deposto o rei e proclamado a República na Inglaterra, que derrotou completamente a rebelião em 1652, quando então, a maior parte das terras passou para a mão dos ingleses.

A intolerância religiosa determinou a migração para outras regiões. As Colônias do Norte tiveram sua origem na fundação da cidade de New Plymouth (Massachusetts) em 1620, pelos “peregrinos do mayflower”, puritanos que fugiam da Inglaterra devido às perseguições religiosas e que estabeleceram um pacto, segundo o qual o governo e as leis seguiriam a vontade da maioria. A partir de New Plymouth novos núcleos foram surgindo, vinculados a atividade pesqueira, ao cultivo em pequenas propriedades e ao comércio. Mais adiante novas colônias foram fundadas: Rhode Island e Connecticut

legalmente utilizada e permitida pelo Parlamento Inglês desde o século XVI e foi intensificada no século XVIII causando a eliminação dos yeomen e dos arrendatários. Os cercamentos provocaram também um brutal desemprego na área rural, com os camponeses e suas famílias perdendo os lotes de onde tradicionalmente tiravam o seu sustento. Em algumas paróquias, o simples anúncio de editais para o cercamento gerava revoltas e tentativas para que não fossem afixados nas portas das igrejas. Fonte: <http://www.hystoria.hpg.ig.com.br/rindus01.html>, acesso em 11/05/2004.



(1636) e New Hampshire (1638). Nessa região, denominada genericamente de “Nova Inglaterra” as colônias prosperaram principalmente devido ao comércio. Do ponto de vista da produção, a economia caracterizou-se pelo predomínio da pequena propriedade policultora, voltada aos interesses dos próprios colonos, utilizando-se o trabalho livre, assalariado ou a servidão temporária. Delumeau comenta que “a Nova Inglaterra era menos favorecida pelo clima que a Virgínia, o Maryland e a Geórgia. Assim é mais surpreendente vê-la também considerada como um paraíso terrestre pelos primeiros colonos”¹².

Já no final do século XVI, a Virgínia foi descrita por Thomas Harriot como “o paraíso do mundo”. John Smith, que acreditou descobrir Eva na tribo dos Powhatan, julgou que “o céu e a terra jamais se combinaram melhor [que na Virgínia] a fim de dispor um lugar para habitação humana [...]. Tivemos a sorte de encontrar um país tal como Deus o fez”. Em 1609, Daniel Price, num sermão de despedida aos colonos que partiam para a Virgínia, qualificou essa região de “jardim do mundo onde correm o leite e o mel”. Em algumas regiões vizinhas também veio a calhar o ideal de paraíso. Para George Alsop, o Maryland era o “paraíso terrestre”. Suas árvores, suas plantas, seus frutos e suas flores constituíam “hieróglifos de nossa condição primitiva e adâmica”.

Vale lembrar que a noção de paraíso terrestre era um dado de base da visão cristã e compunha um campo de utopias religiosas e sociais, em que era questão da valorização de um *illud tempus* primordial. Ao mau mundo da realidade quotidiana interpunha-se, justapunha-se em mundo da realidade fantástica (imagética).

2.1. Uma “Nova Canaã” (Thomas Morton)

Thomas Morton, chegado à América em 1622, qualifica a terra recém descoberta de “nova Canaã”. A prova dessa constatação se encontra num livro cujo título é “Nova Canaã”, publicado em 1637. A seguir temos alguns trechos de sua obra que revelam sua visão da nova terra:

Essa região começa no 40º grau de latitude Norte e termina no 45º, e ela partilha ao mesmo tempo do calor e do frio, mas não é sobrecarregada nem por um nem por outro.

¹² DELUMEAU, Jean. *Op cit*, p. 237



Pode-se dizer, em verdade, que ela se situa no interior dos limites do justo meio-termo, que é muito propícia à habitação e à reprodução, já que Deus Todo-Poderoso, o Grande Criador, a colocou na zona chamada temperada. Ela é, portanto, a mais propícia à reprodução e a habitação de nossa nação inglesa. [...] A doçura do ar, a fertilidade do solo, o pequeno número de selvagens, as vantagens do mar [...] mostram que essa terra não é em nada inferior à Canaã de Israel e que se pode, ao contrário, compara-la a esta em todos os pontos.

Mais adiante, Morton, estupefato diante da riqueza florestal, e da beleza das aves re-afirma sua visão do paraíso:

Espalhados entre essas árvores, podiam-se ver lírios e dafnes que deram o sentimento de ser essa terra um paraíso. Pois aos meus olhos, ela é obra prima da natureza, a loja principal de seus sortimentos. Se essa terra não é rica, então o mundo inteiro é pobre.

Em algum momento, enquanto resumia o texto de Thomas Morton, percebia entre uma declaração e outra, semelhanças com o relato confiante dos espias Josué e Calebe no livro de Números, também estupefatos diante da terra que o Senhor os prometera, uma terra que “mana leite e mel”.

...Josué (...) e Calebe (...), dentre os que espíaram a terra, (...) falaram a toda a congregação dos filhos de Israel, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espíar é terra muitíssimo boa. Se o Senhor se agradar de nós, então, nos fará entrar nessa terra e no-la dará, terra que mana leite e mel¹³.

A posse da terra está associada a uma promessa divina. Delumeau afirma que é “essencial perceber que os fatores teológicos desempenharam um papel importante na história política inglesa do século XVII”¹⁴. Bem como no encontro das novas terras na América do Norte e na criação das novas colônias.

2.2. Um “Novo Céu”, Uma “Nova Terra” e Um “Novo Israel”

¹³ Livro de Números 14.6-7.

¹⁴ DELUMEAU, Jean. *Op cit*, p. 217



Um dos primeiros emigrantes, Roger Clap, constatava um “novo nascimento” na América graças à ação divina. “Nossos corações deixaram a velha Inglaterra para buscar o céu”¹⁵.

Para Roger Williams (1603-83), fundador em Rhode Island da primeira comunidade batista da América, a “plantação” dos colonos ingleses no ultramar recomeçava a da igreja primitiva. A colonização repetia a criação. Edificar uma igreja ou uma cruz na América era chamar esta a um novo nascimento, um rito de passagem. Aqui ia desabrochar o novo Israel¹⁶. Segundo Mircea Eliade “uma conquista territorial não se torna real senão após (mais exatamente pelo) o ritual de tomada de posse”, que não é outra coisa que “a repetição de um ato primordial: a transformação do caos em Cosmos pelo ato divino da criação”.

Interessante que a idéia de um “Novo Israel” vem acompanhada também da necessidade que se tem de passar por um deserto, tal como o povo de Israel passou, antes de ver a terra prometida. Para o poeta “Thomas Tillam, em 1638, o retorno de Cristo a terra recompensará “seus servidores que tiverem aceitado deixar o conforto da Inglaterra pelo deserto”¹⁷. O estrito calvinista Increase Mather (1639-1723), numa obra publicada em 1669, *The mystery of Israel's salvation*, retoma o termo e o tema do deserto ao escrever:

Vários de nós tiveram o enorme benefício de compreender esta misteriosa verdade divina, a saber: que estamos na condição de exilados nesse deserto. Certamente, há os que vieram aqui com pensamentos profanos, mas outros chegaram com intenções puramente espirituais (...) Onde estava João quando recebeu a Revelação de Jesus Cristo? Estava, por ordem de Domiciano, banido na ilha de Patmos. Também Daniel e Ezequiel estavam no exílio quando tiveram suas visões divinas. E pensei com freqüência no que é dito no Apocalipse (17,3), a saber, que João foi conduzido ao deserto para ver (dali) a destruição de Roma (...). Deus nos conduziu ao deserto: não por nos odiar, mas por nos amar¹⁸.

A “passagem pelo deserto”, um tema teologicamente familiar, passou a fazer parte do cotidiano dos emigrados, convictos de que é na América do Norte, e mais

¹⁵ Idem, p. 240

¹⁶ Idem, pg. 240

¹⁷ Idem, pg, 240

¹⁸ Idem, pg, 240



precisamente na Nova Inglaterra, que Deus estava por inaugurar o seu reino terrestre. Jonathan Edwards, de quem trataremos mais adiante, “expressiu também essa vocação do “deserto” americano em tornar-se o lugar da grande renovação da Igreja”¹⁹:

No momento em que Deus está para transformar a terra em paraíso, ele não começará seu trabalho lá onde o crescimento já é grande, mas num deserto onde nada cresce, onde não há nada para ver senão rochedos nus e estéreis. Pois a luz deve sair das trevas, e o mundo ser enchido a partir do vazio, e a terra ser regada pelas fontes nascidas de um deserto árido²⁰.

Neste tempo de partida (1628), alguns quase sucumbiram, mas foram encorajados por um dos aventureiros que dizia: “Não retardeis a viagem que decidistes (...). Sabei que lá (na Nova Inglaterra) o Senhor criará um novo céu e uma nova terra, novas Igrejas e uma nova república”²¹. Cotton Mather (1633-1728), um grande historiador da Igreja norte-americana, declarou que “a ordem das Igrejas e da sociedade era tão bem estabelecida na Nova Inglaterra que isto lhe dava a impressão do novo céu e da nova terra onde deve reinar a virtude”²². Segundo Cotton, “o advento glorioso de Cristo estava próximo – e seria na Nova Inglaterra”²³.

O “Grande Despertar” e o triunfo da Igreja de Cristo (Jonathan Edwards)

Este movimento, conhecido como o “Grande Despertar”, acontecido entre 1740-4 na recém descoberta e denominada Nova Inglaterra, possui um significado muito valioso, que compreende uma série de esperanças escatológicas. Seu protagonista foi Jonathan Edwards (1703-58), cuja repercussão não deve ser desconsiderada em nossa análise. Suas afirmações englobam um milenarismo vivo e disposto a enfrentar qualquer intempérie:

Não é imprudente julgar que essa obra do Espírito Santo (o despertar), tão extraordinária e maravilhosa, é a aurora, ou pelo menos o prelúdio do glorioso trabalho de Deus, com

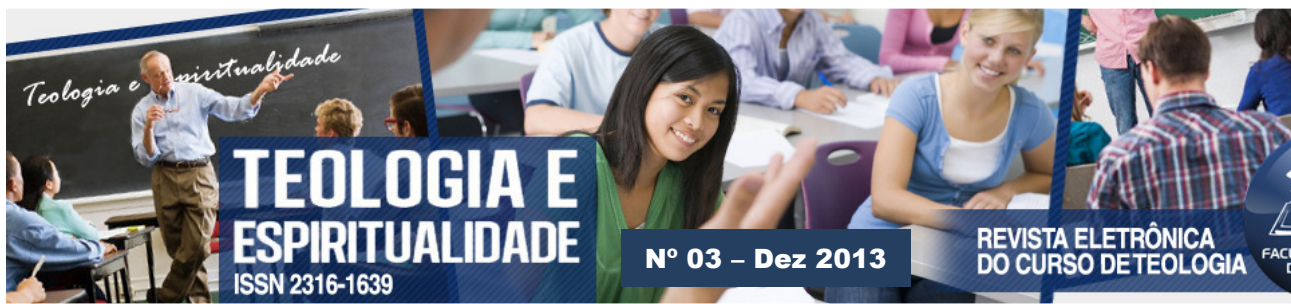
¹⁹ Idem, pg, 240

²⁰ Idem, pg, 241

²¹ Idem, pg, 241

²² Idem, pg, 242

²³ Idem, pg, 242



freqüência predita na Escritura, que por seu movimento e seu resultado renovará o mundo e a humanidade. (...) Não podemos razoavelmente pensar de outro modo: o começo do grande trabalho de Deus deve estar próximo. E há muitos sinais que tornam provável que essa obra terá início na América. É dito que ela começará numa parte remota do mundo com a qual o resto da terra só se comunicará pela navegação (Is 60, 9: “Sim, as ilhas convergem para mim, navios de Târsis à frente, para trazer teus filhos de longe”). Não pode ser mais claro que esse capítulo profetiza a prosperidade da Igreja em seu mais glorioso estado terrestre dos últimos dias; e não posso pensar senão que “as ilhas que estão ao longe” referem-se à América, de onde virão os filhos recém nascidos desse glorioso dia. (...) Esse novo mundo provavelmente foi descoberto em nossos dias para que o novo e mais glorioso estado da Igreja de Deus na terra pudesse ter início aqui e para que Deus fizesse começar aqui um novo mundo espiritual, criando novos céus e a nova terra.(...) sendo assim, temos abundantes razões de esperar que o que vemos agora na América, e especialmente na Nova Inglaterra, anuncia a aurora do glorioso dia. As circunstâncias e os acontecimentos extraordinários dessa obra (o despertar) me parecem demonstrar fortemente que Deus a considera o começo e o sinal anunciador de algo imensamente grande.

Segundo o que informa Delumeau, a força viva do “despertar” foi efêmera, não durou muito tempo. Edwards perdeu seu otimismo e desembocou numa melancolia. Dessa forma ele foi obrigado a constatar que “o trabalho (de Deus) era realmente detido, e que chegara o dia do triunfo do Inimigo”. Doravante, a revista do “despertar”, *The Christian History*, deixou de ser publicada por falta de assunto. Conseqüentemente, depois dessa data, Edwards não acreditou mais ver produzir-se na América o milênio que ele esperava. Mas suas afirmações repercutiram de outra forma, tendo um foco nacionalista, que mais tarde deu concretização a Independência dos Estados Unidos da América. O “Novo Éden” batia às portas.

3. AS IMAGENS E A PRODUÇÃO DE MAIS SENTIDO PARA A NOSSA EXISTÊNCIA ATUAL.

Depois de constatar a dimensão histórico-teológica e imagética que levou a América a independência e construção de uma nova identidade, chegou a vez de dialogar com a “Teoria Geral do Imaginário” elaborada por Gilbert Durand que acontece a partir de



sua crítica a desvalorização da imagem e do imaginário no pensamento ocidental, que considera a imaginação como “mestra do erro e da falsidade”.²⁴

A modernidade, marcada pelo racionalismo positivista, acreditou por muito tempo ter eliminado o mito e minimizado o papel da imagem e do simbolismo. Tendo a razão como mestra, em detrimento do imaginário, a iconoclastia ocidental pretendeu um “pensamento sem imagem”; mas, por trás dessa máscara da “razão” e do iconoclasmo, o mito continuou a proliferar de forma clandestina, graças à expansão literalmente fantástica da mídia que reinstalou a imagem, em “carne e osso”, no uso cotidiano do pensamento.²⁵

Considerando que o imaginário se manifesta nas culturas através de imagens e símbolos, cuja função é colocar o homem em relação de significado com o mundo, com o outro e consigo mesmo, torna-se imprescindível perceber o quanto que a revalorização do imaginário prepara o caminho para uma re-significação do social.

Buscar Sentido, encontrar significado, nos remete à dimensão do simbólico, pois simbolizar significa descobrir o sentido²⁶. Ao impor, através dos mitos, uma estrutura ao caos aparente, o imaginário coloca o homem em relação de significado com o mundo, com o Outro e consigo mesmo. A função do imaginário é, pois, a de mediar, simbolicamente, as nossas relações; ele é um mapa com o qual lemos o mundo, pois é através dele que organizamos, recursivamente, o real²⁷.

Maria Cecília Sanchez Teixeira explica que:

As imagens aglutinam-se, no imaginário, em torno de núcleos organizadores da simbolização, que são polarizados²⁸. Em cada núcleo, ou pólo, há uma força homogeneizante, ordenadora de sentido, que organiza semanticamente as imagens, configurando-as, miticamente, em três estruturas, que gravitam em torno de três esquemas matriciais

²⁴ DURAND, Gilbert. Op Cit.

²⁵ TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. A dinâmica do imaginário e a trajetividade da cultura: re-significando o social. Conferência proferida na *Conferência do Imaginário e das Representações Sociais da Educação Física, Esporte e Lazer*, promovida pelo Laboratório do Imaginário e das Representações Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer – LIRES/UGF, em 24/08/2001.

²⁶ CROATTO, José Severino. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001. – (Coleção Religião e Cultura). pg, 90.

²⁷ TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Op cit.

²⁸ Neste caso refere-se a um sistema dinâmico organizador de imagens. Pois por pólo subentende-se um conceito eletromagnético que implica mais uma dinâmica de orientação de forças do que uma estática de direção de espaço.



básicos: heróico (separar), místico (incluir) e sintético (dramatizar). O primeiro põe em ação imagens e temas de luta (do herói contra o monstro, do Bem contra o Mal), o segundo, imagens assimiladoras e confusionais, e o terceiro põe em conjunto imagens divergentes, integrando-as numa ação. Nessa perspectiva, o imaginário não é um simples conjunto de imagens que vagueiam livremente na memória e na imaginação. Ele é uma rede de imagens na qual o sentido é dado na relação entre elas; as imagens organizam-se de acordo com uma certa lógica, uma certa estruturação, de modo que a configuração mítica do nosso imaginário depende da forma como arrumamos nele nossas fantasias. É dessa configuração que decorre o nosso poder de melhorar o mundo, recriando-o, cotidianamente, pois o imaginário é o denominador fundamental de todas as criações do pensamento humano”²⁹.

Gilbert Durand compreende que a imaginação, em sua “função fabuladora” (expressão que empresta de Bergson), é reação da natureza contra a representação da inevitabilidade da morte. O desejo fundamental buscado pela imaginação humana é reduzir a angústia existencial face à consciência do Tempo e da Morte. Para Durand esta função (que em última instância é eufemização) não é simplesmente ópio negativo, máscara que a consciência veste diante da figura horrível da morte, mas, ao contrário, dinamismo prospectivo que, através do imaginário, tenta melhorar a situação do homem no mundo³⁰. Portanto, é para fugir da representação da morte que a imaginação cria o mundo. A consciência do tempo e da morte era o que estava presente naqueles que outrora estavam sob domínio da igreja e do reinado inglês. Não fosse o poder restaurador do imaginário, do símbolo e do mito, tudo indica que teriam permanecido como escravos por um longo período.

CONCLUSÃO

Parafraseando Leonardo Boff, tal como a fantasia, a imagem “é um meio a que recorremos para tornar suportável o peso das contradições. Por ela, projetamos um

²⁹ TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Op cit

³⁰ DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988. Citado por Maria Cecília Sanchez Teixeira em *A dinâmica do imaginário e a trajetividade da cultura: re-significando o social*.



mundo dourado onde se espera que a luz triunfe sobre as trevas e a vida se mostre mais forte que a morte³¹”.

As imagens do céu ou paraíso, utopias do fim ou de uma vida sem males, na verdade, se fundem quando o objetivo é interpretar a conquista das Américas, em especial a do Norte. Criando seqüencialmente um mito fundante destes acontecimentos.

As imagens, tidas como expressões culturais do ser humano refletem de certa forma sua íntima relação com mitos tanto de origem quanto do fim.

O imaginário é um recurso indispensável na construção de uma identidade, seja ela qual for. A iconoclastia tornou-se de certa forma uma atmosfera poluída, obscurecendo a capacidade inerente a cada ser humano de imaginar, de ir além do que aí está, transcender, criar e, se possível recriar o que a razão, por si só, foi capaz de definir e esgotar.

REFERÊNCIAS:

BOFF, Leonardo. *O Senhor é meu pastor: consolo divino para o desamparo humano*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001. – (Coleção Religião e Cultura).

DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade – uma história do paraíso*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. *A dinâmica do imaginário e a trajetividade da cultura: re-significando o social*. Conferência proferida na Conferência do Imaginário e das

³¹ BOFF, Leonardo. *O Senhor é meu pastor: consolo divino para o desamparo humano*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p.16.



Representações Sociais da Educação Física, Esporte e Lazer, promovida pelo Laboratório do Imaginário e das Representações Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer – LIRES/UGF, em 24/08/2001